

A miséria faz sombra e rodeia núcleo histórico

ARTHUR HERDY
Da editoria de cidade

Vinte e dois anos após a inauguração de Brasília, a cidade-satélite de Planaltina que faz parte da maior região administrativa do Distrito Federal, vive, hoje, muito pior do que antes da mudança da Capital para o Planalto Central. Se uma parte da cidade tem, em parte, uma boa infraestrutura urbana, como no Setor Tradicional - Planaltina já existia antes de Brasília - e Vila Vicentina, o mesmo não ocorre com a Vila Buritis e no Bairro Nossa Senhora de Fátima, implantados depois de 1960 e, proporcionalmente, os mais populosos.

Sem calçamento, iluminação pública suficiente, galerias de águas pluviais, rede de esgotos - agora que está sendo implantada, mas os moradores, carentes em sua maioria, não têm dinheiro para pagar as ligações domiciliares - laser, a Vila Buritis é um dos apêndices da cidade história.

O outro, já superado pela miséria, muitas vezes superior à da Ceilândia, a Vila Nossa Senhora de Fátima, sofre além da falta de qualquer melhoramento urbano - a carência de luz, água, esgoto, telefones, calçamento, escolas, posto de saúde, segurança, linhas regulares de ônibus -, com uma incerteza: o Governo do Distrito Federal pretende removê-

los, embora não defina quando, para construir na área onde fica o bairro, a Barragem de São Bartolomeu.

Com isso, não se faz nenhum melhoramento no local e os moradores vivem a angústia de serem desapropriados de seus barracos de uma hora para outra. "Eu já não aguento mais este suplício e o medo de acordar pela manhã, com a ordem de que devemos desocupar os barracos e ficar ao léu", disse Maria da Conceição Ferreira.

VIVER NA FOSSA

A Vila Buritis, para onde foram encaminhados antigos moradores de invasões, criadas durante a construção e nos primeiros anos após a inauguração de Brasília, tem seis quadras, cada uma com seis conjuntos que, por sua vez, tem 60 casas em cada. Em tese, seriam 3.600 casas (barracos), ou família mas, em alguns lotes, moram várias famílias.

Acredita-se então que, somente na Vila, com uma média de cinco pessoas por residência, morem mais de 18 mil pessoas, dados este que, para a população local, é bem mais elevado. "Se somamos todo mundo, dá mais de 20 mil pessoas", disse Laureano Pessoa Neves. A Vila é cortada por três avenidas e várias ruelas entre os diversos conjuntos

residenciais das quadras. As avenidas não são calçadas - apenas um pequeno trecho perto da Quadra 5 recebeu uma camada asfáltica mas que já está desgastada pela erosão, - e as ruelas, em sua maioria, intransitáveis para qualquer tipo de veículo.

Entre os barracos perfilados nos conjuntos, no que seria a rua de acesso, as fossas correm a céu aberto. A água servida fica ainda empoçada e serve como "habitat" natural para microorganismos e atração para moscas e insetos. "Isto aqui é um lixo, uma imundície. A gente vive atolada na lama e na miséria. Quer dizer, vivemos na fossa", disse Geni Soares da Silva, paraibana e residente na Quadra 3, Conjunto C.

Em frente a sua casa a água estagnada já está verde e o mau-cheiro é sentido à distância. "À noite a coisa fica pior, pois as muriçocas não deixam ninguém dormir. Além disso a gente pega ziquizira no corpo e eu mesma estou com meu pé cheio de calombos e descascando, por causa da contaminação dos esgotos que correm na rua. O mais grave ocorre com as crianças que constantemente estão doentes, com hepatite, diarreia, febre e até aquela doença feia, meningite", afirmou Geni Soares, que já tem vários netos, todos nascidos no local.

Cláudio Magalhães Silva,

de uma família de sete filhos, com 14 anos, mora no mesmo conjunto de dona Geni. Seu barraco está caindo aos pedaços e ele, com medo dos "maloqueiros" vive em pânico, cuidando dos irmãos, já que é o mais velho. Da geração brasiliense, filho de pernambucano com goiana, Cláudio faz, em parte, o biotipo do novo morador de Planaltina: misto de goiano com nordestino. Até seu sotaque é diferente.

Na vila, como no resto da cidade, mesmo na parte tradicional, o lazer é muito difícil. Não tem um cinema, teatro a maior parte dos moradores nunca assistiu e, mesmo o futebol está em crise, com o seu único time, o Comercial, desativado por falta de apoio oficial, como dizem os moradores.

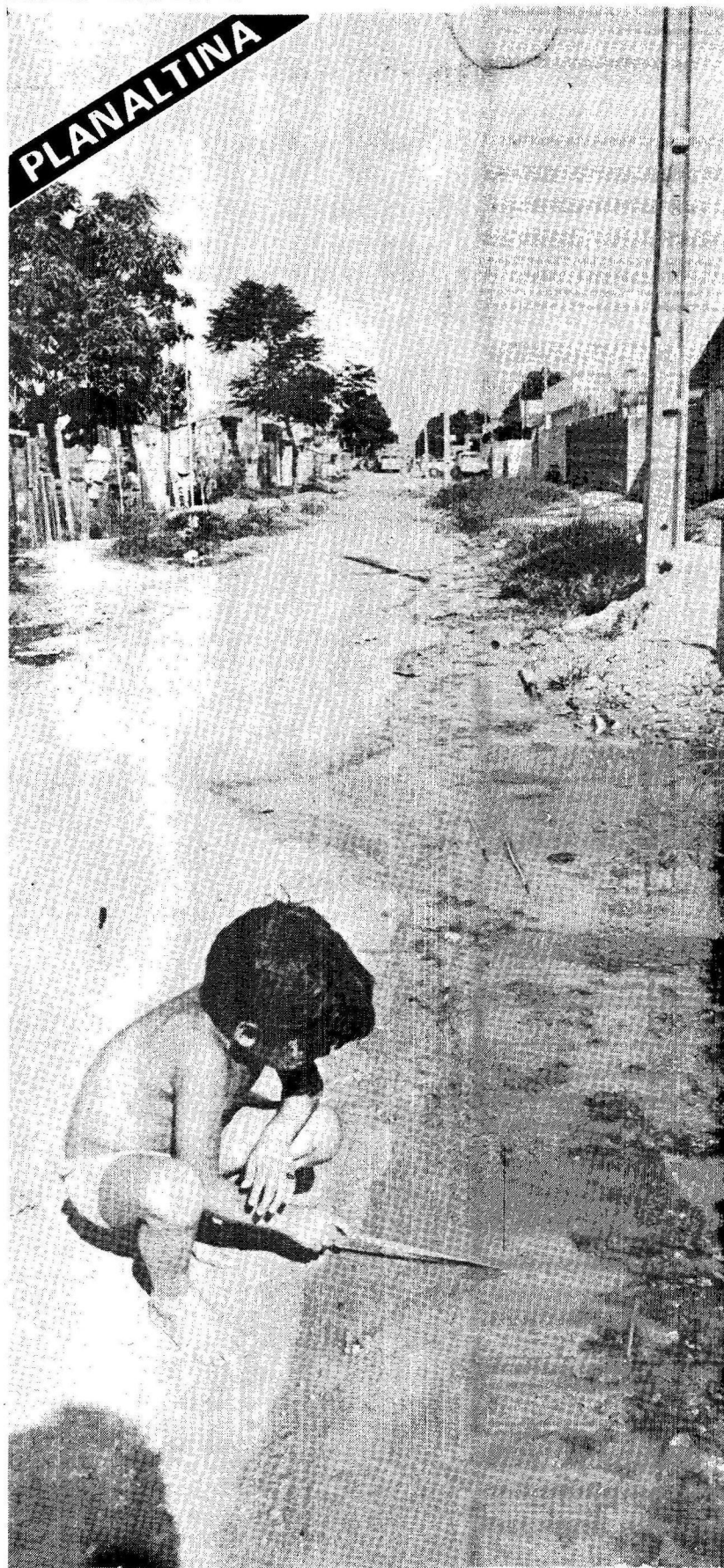
Resta então como diversão o forró nos fins de semana, organizados as vezes no pequeno quintal dos barracos residenciais, ou no PEC, como é conhecido o Planaltina Esporte Clube.

VANGUARDA

As mães de família reclamam, ainda, além da falta de lazer para os adultos - as mulheres se divertem vendo novelas na televisão e os homens, tomando cachaça nos botecos -, áreas para as crianças. "Não existem praças ou áreas de lazer para os meninos, disse Tânia Maria Simões Pereira, moradora na Quadra quatro, conjunto J.

Entre as quadras 3 e 4, existe uma praça mas que, pelo abandono, não é frequentada pelos moradores. Mato, sujeira, animais mortos e abandonados fazem parte do retrato local. À noite, segundo os moradores, serve de reduto para os maloqueiros e maconheiros, além de abrigo para mendigos.

PLANALTINA



A Vila Buritis sobrevive com falta de esgotos, urbanização e lazer. No parque, descuido e brinquedos perigosos